

TBR, Marcelo Iorio, GLO, Casa Chacra, SER, Jovana Papamarcos

## JANAÍNA FIGUEIREDO



## Sem mea-culpa no Planalto

**D**urante a conversa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o secretário de Estado americano, Antony Blinken, em Brasília, quarta-feira passada, não foi mencionada a palavra Holocausto. O momento em que ambos conversaram sobre o conflito entre Israel e o grupo terrorista Hamas, em meio à crise diplomática entre Brasília e Tel Aviv desden-

deada por declarações feitas por Lula em sua visita à Etiópia, surgiu por iniciativa de Blinken, que, segundo fontes do Palácio do Planalto, foi quem puxou o assunto. Foi uma conversa cordial, na qual as duas partes deram sua opinião. Blinken contou que é descendente de sobreviventes dos campos de concentração nazistas e frisou que, na visão da Casa Branca, o que aconteceu na Faixa de Gaza não é genocídio. Já o presidente brasileiro e, também, seu assessor de Assuntos Internacionais, Celso Amorim, reiteraram que o Brasil discorda do governo americano e apoia a ação movida pela África do Sul contra o Estado de Israel na Corte Internacional de Justiça (CIJ). Nessa ação, o governo sul-africano acusa as autoridades israelenses de cometerem um genocídio contra os palestinos na Faixa de Gaza. Na conversa, acrescentou a fonte brasileira, Blinken concordou como Brasil na defesa de que seja criado um Estado palestino. Foi, para o governo brasileiro, uma troca cordial de ideias. Não houve nem há necessidade de fazer contagem de danos com o governo Bi-

den, como tampouco, avaliam os assessores de Lula, com nenhum outro governo estrangeiro. A crise, enfatizam, é com Israel e dentro do Brasil, onde, afirmam as mesmas fontes, o bolsonarismo pegou carona, às vésperas da manifestação a favor do ex-presidente na Avenida Paulista, dia 25.

Lula e seus assessores não falam em auto-crítica, mea-culpa nem nada parecido. Não se faz a avaliação de que a fala sobre Lula comparando o que Israel faz na Faixa de Gaza com o que Hitler fez com os judeus causou danos à imagem do Brasil. Muito menos que contaminou a reunião de chanceleres do G20 no Rio.

O presidente, que visitou a Embaixada da Palestina antes de sua última viagem, não está preocupado com o impacto global de suas declarações. Pelo contrário, Lula parece aliviado. Como me disse uma fonte diplomática: o Brasil saiu de cima do muro.

Enganam-se os que acham que Lula pensou em algum momento em recuar. O presidente abraçou uma causa e não pretende soltá-la. Se isso terá consequências para o Brasil, o tempo dirá. Se o Brasil perderá credibilidade para atuar como mediador de conflitos — no Oriente Médio e outras regiões do mundo — ficará claro quando as águas se acalmarem.

A única coisa certa, hoje, é que o custo para Lula, em termos de relações externas, não foi elevado. Os EUA tiveram um comentário light, na mesma conversa em que trataram de muitos outros temas, como a crise na Venezuela. Washington precisa do Brasil para enfrentar as tensões com Nicolás Maduro num ano em que a Venezuela deve convocar eleições presidenciais, assim como precisa de Colômbia.

Equações na política externa são complexas, nada é branco ou preto. A fala de Lula, asseguram as fontes, não foi preparada, não houve nenhuma conversa com o presidente antes de quem pensando há muito tempo. Pensar é uma coisa, falar é outra bem diferente. Mas já está feito, e não há arrependimentos. Vê-se que segue, concluiu uma das fontes.

## Lula fala em esforços de paz na Ucrânia a Lavrov

Chanceler russo passou uma hora no Palácio da Alvorada um dia depois de presidente receber chefe da diplomacia americana. Brasileiro foi convidado e confirmou ida a Moscou para reunião de cúpula do Brics

ELIANE OLIVEIRA E BRUNO GÓES  
Internacionalistas do GLOBO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva se reuniu ontem, no Palácio da Alvorada, com o chanceler russo, Serguei Lavrov. No encontro, Lavrov expôs as posições da Rússia em relação ao conflito na Ucrânia, e Lula reiterou que o Brasil continua disposto a colaborar com os esforços em favor da paz, de acordo com o Palácio do Planalto. O diplomata chegou ao encontro por volta das 18h e saiu uma hora depois. O encontro com o chanceler russo aconteceu uma hora depois de Lula conversar, por quase duas horas, com o chefe da diplomacia americana, Antony Blinken. A reunião ocorreu a pedido de Lavrov, que veio ao Brasil para participar do encontro de chanceleres do G20, no Rio. Foram discutidos temas da agenda bilateral e questões globais, segundo o governo brasileiro. Lavrov transmitiu a Lula uma mensagem do presiden-

te da Rússia, Vladimir Putin, de apoio à presidência do Brasil do G20. Ele reforçou o convite ao presidente brasileiro para a cúpula do Brics em outubro, na Rússia. Lula confirmou que irá a Moscou. Um dos principais auxiliares de Putin, Lavrov também reiterou que seu país concordou com o pleito do Brasil para ocupar assento permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas — uma demanda de décadas da diplomacia brasileira.

## CARONADAFAB

Os russos sofrem sanções econômicas dos Estados Unidos, da União Europeia e outros países ocidentais por conta da invasão da Ucrânia, que amanhã completa dois anos. O Brasil, no entanto, é contra esse tipo de punição e não defende a forma multilateral, ou seja, aprovada pela ONU — o que complica ainda mais a situação, pois a Rússia, como membro permanente do Conselho de Segurança, tem poder de veto no órgão. De acordo com o comunicado do Planalto, Lula reafirmou a importância de uma nova governança global para lidar com temas como inteligência artificial e



Parceiros de Brics. O presidente Lula cumprimenta o chanceler russo, Serguei Lavrov, no Palácio da Alvorada, Brasília

as mudanças climáticas que, segundo ele, não podem ser enfrentadas isoladamente. São temas da agenda brasileira no G20. O presidente também ressaltou a importância das iniciativas que o Brasil tomou para combater o desmatamento e buscar formas mais justas de remuneração pela preservação desses biomas, mencionando a necessidade de aprimorar os mecanismos

de financiamento aos países em desenvolvimento. Lavrov esteve no Rio, onde participou de um encontro de chanceleres do G20. Em entrevista exclusiva aos jornais O GLOBO e Valor publicada na edição de quarta-feira, o chanceler russo disse que seu país quer fortalecer a relação com o Brasil e que o Brics é prioridade do Kremlin. Indicou que a Rússia vê com simpatia a proposta

de criar um grupo de amigos para mediar a paz com a Ucrânia e criticou o excesso de armas fornecidas pelas nações do Ocidente aos ucranianos. O governo brasileiro trouxe Lavrov a Brasília em um avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Havia preocupação com o abastecimento de combustível do avião russo que levou Lavrov para a reunião do G20 no Rio.

Em uma entrevista a jornalistas no último domingo, na Etiópia, Lula foi perguntado sobre o que achava da morte de Navalny, em um momento em que vários países avaliavam que o opositor, na verdade, havia sido assassinado. O presidente brasileiro disse que não iria se manifestar, por uma questão de bom senso: — Se a morte está sob suspeita, temos que primeiro fazer uma investigação para saber do que o cidadão morreu.

## Blinken defende reforma do Conselho de Segurança da ONU

Segundo o secretário de Estado dos EUA, órgão não representa mundo atual

EMANUELE BORDALLO E  
THAYZ GUIMARÃES  
Internacionalistas do GLOBO

Um dia após um encontro de quase duas horas com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em Brasília, o secretário de Estado americano, Antony Blinken, defendeu a reforma do Conselho de Segurança da ONU, afirmando que as instituições precisam refletir "mais o mundo de hoje", em vez do mundo de quando foram criadas, "a maioria delas 80 anos atrás". O chefe da diplomacia dos EUA conversou com a imprensa ontem, no Rio de Ja-

neiro, em um evento à parte da reunião de chanceleres do G20 — grupo que reúne as 19 maiores economias do mundo, além da União Europeia e a União Africana. — Estamos atuando no esforço de expandir o Conselho de Segurança da ONU, tanto em termos [de membros] permanentes quanto de não permanentes, para que ele reflita melhor o mundo de hoje.

O chefe da diplomacia americana também disse "disculpar profundamente" da comparação feita por Lu-

la, no domingo, relacionando a ação militar de Israel no território palestino com o Holocausto — o genocídio de 6 milhões de judeus pelo governo nazista alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Mas minimizou a polémica dizendo que divergências fazem parte da relação entre "amigos". — Nós temos diferenças em alguns problemas e em como abordamos esses problemas, e é nesta questão em particular da comparação de Gaza com o Holocausto, nós discordamos profundamente. Mas isso também algo que amigos



Amigos. Blinken reforçou parceria Brasil-EUA durante coletiva de imprensa

fazem — ponderou. A fala foi reiterada mais tarde em entrevista à GloboNews, quando Blinken afirmou que, assim como o Brasil, os EUA também querem o fim do conflito em Gaza. — Para nós, como eu disse, está muito claro que não há comparação alguma. Também sei que o presidente Lula é motivado pelo sofrimento

das pessoas e quer ver isso acabar. Assim como nós. Também temos isso em comum — disse Blinken. Na coletiva, Blinken reafirmou ainda o apoio do país à agenda do Brasil na presidência rotativa do G20, centrada no combate à fome e à pobreza, no desenvolvimento sustentável e na reforma governança global. Com um forte

discurso pela preservação ambiental, o secretário citou uma declaração feita por Lula durante o encontro com o presidente americano, Joe Biden, em Washington em 2023.

— Cuidar da Amazônia hoje, é cuidar do planeta Terra. E cuidar do planeta Terra é cuidar da nossa própria sobrevivência — disse Blinken. Ele também não perdeu a oportunidade de rivalizar com seu contraparte russo, o chanceler Serguei Lavrov. Segundo a imprensa oficial da Rússia, Lavrov teria criticado uma suposta "politicização" do G20, alegando que "a inclusão de questões não essenciais, entre elas a questão ucraniana", na agenda do grupo "por instigação do Ocidente é destrutiva".

— Se não somos capazes de lidar com problemas de paz e segurança, vai ser muito mais difícil, ou mesmo impossível, lidar com o que estamos tentando alcançar através do G20 — afirmou.